

# A AÇÃO COMUNISTA PARA O DOMÍNIO DO MUNDO

Ten Cel Cav QEMA  
NILSON FERREIRA DE MELLO

## 1. GENERALIDADES

A ação comunista para o domínio do mundo se faz de acôrdo com uma doutrina e utilizando diferentes meios, segundo as peculiaridades do momento e do lugar. No exame que faremos dessa ação, pretendemos apenas apresentar um esboço da doutrina e dos principais instrumentos utilizados pelos comunistas na consecução de seus objetivos.

Preliminarmente, convém que tenhamos um entendimento comum da expressão *Doutrina Comunista*. Para nós é:

— Conjunto de leis, princípios, normas, regras, técnicas e táticas que orientam o movimento revolucionário internacional de cunho marxista-leninista.

Em outras palavras, é tudo aquilo que serve, de forma objetiva e eficaz, à implantação, em escala mundial, de um estilo de vida calcado numa concepção materialista do Universo.

É, por isso mesmo, necessariamente dinâmica e multiforme, evoluindo, em cada tempo e lugar, segundo as necessidades concretas do movimento comunista internacional.

Dai a extraordinária dificuldade de se apresentar uma visão global e nítida de tal doutrina. Todavia, acreditamos que, através de suas bases teóricas, justamente seus componentes mais estáveis, poderemos chegar a uma idéia razoável de seu todo.

## 2. BASES TEÓRICAS DA DOCTRINA COMUNISTA

O fundamento básico da doutrina comunista é de ordem filosófica. Coube a Marx, com a colaboração de Engels, o estabelecimento desse fundamento.

Esses dois pensadores inspiraram-se na argumentação dialética de Hegel para montar seu sistema de pensamento. Como sabemos, Hegel era um filósofo idealista que considerava o Universo como a exteriorização de um princípio superior, exterior a ele, a que denominava de "Idéia Absoluta". O pensamento humano, ou seja, as idéias, eram fragmentos imperfeitos dessa realidade absoluta. Toda a evolução do mundo, tanto na Natureza como na História, seriam reflexos da atividade da "Idéia Absoluta".

Mas essa concepção idealista do Universo somente impressionou a Marx e Engels pelo que apresentou de dinâmica e revolucionária, particularmente o método dialético utilizado por Hengels para montar seu pensamento.

Para Hegel, toda idéia é uma unidade constituída de elementos que se opõem e contradizem, isto é, contém em si mesma uma *afirmação* e uma *negação*. Da interação natural desses opostos resulta um impulso que dá dinamismo à idéia, transformando-a continuamente em idéias mais ricas em conteúdo de verdade.

Esta é a essência do processo dialético que se desenvolve de acordo com a seguinte mecânica:

- a afirmação inicial é a *tese*;
- esta traz consigo sua negação, ou seja, a *antítese*;
- do confronto natural desses opostos resulta uma idéia superior que, todavia, não destrói a tese e a antítese, antes supera-as: é a *síntese*.

Uma vez formulada a síntese, o processo recomeça seguindo um desenvolvimento indefinido, tendendo para a "Idéia Absoluta". Hegel reconhecia a impossibilidade do pensamento humano atingir esse termo, argumentando que, sendo uma função do homem e sendo este uma partícula de um todo (o Universo, exteriorização da "Idéia Absoluta"), jamais poderá atingir esse todo.

A concepção dialética hegeliana encerra, sem dúvida, fascinante beleza, mas foi sobretudo sua formidável dinâmica que impressionou Marx. Nela ele iria encontrar o impulso revolucionário que buscava para destruir o Capitalismo, odiado por ele como resultado da observação dos vícios que apresentava na época.

Marx iria aplicar a dialética de Hengels à matéria afirmando que o mundo das idéias é que é reflexo do mundo material. Portanto, a matéria é que seria de indole dialética, sendo auto-suficiente para mover-se (advirta-se que *movimento* é tomado aqui no sentido lato de *qualquer atividade*, e não no restrito de deslocamento).

A matéria deixava assim de ser vista como uma realidade inerte, capaz somente de adquirir movimento mecânico provocado por agen-

tes externos, para ser considerada como entidade essencialmente ativa. Sua índole contraditória lhe proporciona o impulso necessário para sua evolução, prescindindo de qualquer causa externa a ela própria.

Este sistema de pensamento é chamado de *materialismo dialético* e nada mais é do que a dialética hegeliana, escoimada de seu idealismo mas conservando integralmente sua dinâmica.

Todo o materialismo dialético pode ser resumido através de suas "leis da Natureza". Elas pretendem resolver os problemas básicos que se colocam diante de qualquer Filosofia da Natureza, a saber: o do *movimento* observado no mundo material; o do *aumento quantitativo*; e o do *aparecimento de novas qualidades*. Vejamo-las:

— A 1ª lei é conhecida como

### LEI DOS CONTRÁRIOS

— A realidade é sempre uma união de contrários.

A natureza contraditória da matéria é o fato básico para o materialismo dialético. Através dela pretendem os marxistas explicar, de forma definitiva e cabal, o movimento que se verifica na Natureza.

Este movimento resultaria, como vimos linhas atrás, da interação dos opostos que coexistem em todos os seres do mundo material.

Complementando essa idéia do movimento dos seres naturais, acrescentam os marxistas que ele não se faz sem uma finalidade, mas, ao contrário, tende para realidades mais perfeitas (tal como, na dialética hegeliana, a contradição inerente à idéia produz um movimento para uma idéia superior).

Façamos uma rápida apreciação desta "lei".

Para os marxistas, a origem do movimento estaria *dentro* do ser, ou seja, resultaria do conflito ou encontro, no interior do mesmo, dos opostos que nele coexistem. Ora, tal conflito ou encontro só poderá explicar-se se um dos opostos, ou ambos, estiverem dotados de movimento capaz de os aproximar. Por outras palavras, a interação ou conflito dos opostos *pressupõe* (não explica) o movimento de que necessariamente deve estar dotado um dos opostos (ou ambos).

Mas o que há de curioso é que os marxistas afirmam que a Lei dos Contrários é confirmada pela Ciência moderna.

Apresentando uma série de testemunhos científicos sobre as contradições verificadas na Natureza, tais como a atração e repulsão dos corpos, as cargas elétricas positivas e negativas que originam os

fenômenos elétricos e magnéticos e, até mesmo, a natureza contraditória da personalidade humana, esquecem-se de explicar devidamente como os opostos que coexistem nos seres, sem a intervenção de uma causa externa, interatuam para provocar o movimento. Não obstante, intitulam sua teoria de "Materialismo Científico".

— A 2ª lei é denominada de

### LEI DA NEGAÇÃO

— Todo ser, em virtude de constituir-se de princípios opostos, move-se e o faz no sentido que conduz à sua negação, negação que se opera sempre acarretando o enriquecimento quantitativo do Universo, na classe do ser que foi negado.

Poderemos apresentar, logo a seguir, a 3ª lei considerando que ambos se correlacionam na finalidade de explicar o crescimento numérico da realidade e a aparição, de certa forma conseqüente, de novas realidades. É chamada

### LEI DA TRANSFORMAÇÃO

— Um desenvolvimento, quantitativo e contínuo, numa realidade acaba por produzir um salto qualitativo, isto é, uma síntese em plano superior.

Como exemplo da "lei da negação", os marxistas citam o da semente de carvalho que, encontrando condições favoráveis, germina, isto é, nega-se como semente para se transformar em árvore a qual, seguindo seu ciclo vital, vai por sua vez produzir, não uma, mas centenas de novas sementes.

Parece claro que esta "lei" não explica nada, antes limita-se a consignar fatos. Aceitamos, dentro de certos limites, que a reprodução dos seres siga aquilo que os marxistas chamam de "um processo de negação". Porém, uma coisa é admitir ou constatar, e outra muito diferente é *Explicar*.

Da mesma forma, para coonestar a validade da "lei da transformação", citam certos processos naturais que resultam na produção de novas qualidades. Está neste caso o exemplo por eles citado freqüentemente da água que se transforma em vapor pelo acréscimo quantitativo de calor. É evidente que estamos de novo diante da observação de um fato que não implica necessariamente numa explicação suficientemente ampla e geral da "lei" enunciada.

Parece-nos que, a única resposta capaz de satisfazer à indagação da finalidade dos processos observados no mundo natural é a da existência de uma inteligência superior.

Feito este sumariíssimo exame do fundamento filosófico da doutrina comunista, desejamos ressaltar a perfeita coerência que existe entre ele e a teoria marxista aplicada a outros campos, tais como a História, a Sociologia e a Economia. A "lei da transformação", por exemplo, é freqüentemente invocada para interpretar os fatos históricos e, sobretudo, para justificar o "salto brusco" da revolução comunista.

Transportando a dialética materialista para a História, os marxistas nos oferecem uma interpretação econômica para o processo histórico.

Antes de mais nada, convém têmos presente o que o marxismo entende por História. Para ele, a História é a atividade dos homens na conquista de seus objetivos. Essa atividade é determinada pelos meios com que os homens produzem para atingir aqueles objetivos que, em última análise, resumem-se às suas necessidades vitais.

Portanto, do ponto de vista marxista, na base de qualquer ideologia ou motivação determinadora das alterações históricas, estará sempre uma forma de produção.

Em cada forma dominante de produção existem relações definidas entre os que dela participam. Assim, na sociedade capitalista, uns são possuidores dos meios de produção e outros (a maioria) não. Dêste fato resultaria a divisão da sociedade em classes. Para os marxistas, os proprietários compõem necessariamente a classe exploradora que tem mantido a classe explorada em regime de escravidão, servidão ou sujeição.

Dentro desta concepção, concluem os marxistas pela inexorabilidade da luta de classes, a qual não deixa de ser uma projeção clara do que estabelece o materialismo dialético na sua "lei dos contrários". Daí a fatalidade com que os comunistas aceitam e até desejam a luta social, encarada que é como uma fase necessária do desenvolvimento histórico.

Esta interpretação marxista da História é conhecida como "materialismo histórico". Sua característica mais saliente é a sua pretensão de poder, não só explicar todo o desenvolvimento passado da História, como também prever, com exatidão "científica", seu desdobramento futuro. É desta convicção no caráter "científico" do materialismo histórico que advém a "certeza" dos comunistas na vitória final do Comunismo.

Mas, não podemos nos furtar a uma rápida crítica à interpretação marxista da História.

A primeira coisa que nos ocorre ao analisarmos tal concepção é a sua exagerada generalização. É certo que existiram e existem na sociedade setores que são explorados por outros, mas concluir dêste

fato inegável que só existam duas classes, ou que toda classe trabalhadora seja explorada, foge à lógica e aos fatos históricos.

Da mesma forma, a teoria da luta de classes para explicar o desenvolvimento social é um mero pressuposto que não encontra confirmação na realidade. O próprio surgimento do Comunismo é um fato, como outros acontecimentos de largo alcance, que não se explica nessa base materialista e econômica. A respeito, dizia Cristóvão Dawson:

— “A história do Comunismo é por si mesma suficiente para rebater o conceito materialista da História, porque não foi um produto espontâneo de forças econômicas e materiais. Teve na sua origem Carlos Marx, que era um arqui-individualista; as forças que o inspiravam não eram de caráter material nem econômico. Foi o instinto de auto-affirmação espiritual, o ideal revolucionário de uma justiça abstrata e, talvez, mais do que tudo isto, a indiscutível fé judia numa libertação apocalíptica, que o levaram de seu país e dos interesses de sua carreira burguesa para uma vida de desterro e privações” (Dawson C., “Ensaio sobre a Ordem”, citado por J. Fadden em “Filosofia do Comunismo”).

Examinadas, embora por esta forma superficial, as bases teóricas da Doutrina Comunista, passemos à sua evolução no quadro do processo revolucionário internacional.

### 3. EVOLUÇÃO DA DOCTRINA

Como dissemos no início, a doutrina comunista é dinâmica, multiforme e, freqüentemente, paradoxal. Isto porque, sendo um conjunto de proposições destinado a orientar o movimento comunista mundial, tem de se adaptar às contingências de tempo e lugar. E o faz sem qualquer constrangimento moral ou ético, já que Lenine dizia que tudo que favoreça a tarefa revolucionária é intrinsecamente bom e perfeitamente moral.

A primeira evolução que se impunha era a de trazer, do plano meramente intelectual para o da aplicação concreta, todo o intrincado sistema do pensamento marxista. Neste sentido, a primeira grande contribuição é devida a Vladimir Ilyich Ulianov, mais conhecido pela alcunha revolucionária de Lenine (1).

Lenine de pronto reconheceu que, não obstante o extraordinário potencial revolucionário do marxismo, seu pensamento não estava à

---

(1) LENINE — (Vladimir Ilyich Ulianov — 1870/1924) — Revolucionário russo. Fêz propaganda revolucionária em Genebra, Paris e na Finlândia, onde viveu exilado. Após a revolução bolchevista, foi presidente do Conselho dos Comissários do Povo (SOVIETE), cargo que exerceu até sua morte com poderes ditatoriais. É considerado fundador do Partido Comunista Russo.

altura do comum das pessoas. Urgia traduzi-lo em frases simples que guardassem íntima e imediata relação com as necessidades concretas do povo. São os "slogans", as "idéias-fôrça", as "palavras-de-ordem" que movem as massas, e não as interpretações teóricas sobre a evolução da Natureza e da História.

Advertiu, ademais, que o processo revolucionário espontâneo do proletariado contra os patrões que ensinava Marx, corria o risco de se prolongar demasiadamente no tempo, caso não fôsse precipitado pela ação de um grupo de verdadeiros revolucionários profissionais. Este grupo de elite, estruturado numa organização verticalmente organizada e disciplinada, era o Partido Comunista, tal como o concebia Lenine. Esta é, sem dúvida, sua mais importante contribuição à expansão do Comunismo no mundo, sem a qual talvez a teoria marxista não fôsse hoje conhecida senão de poucos intelectuais.

Apenas para não nos alongarmos demasiadamente, diremos que a contribuição de Lenine à ação revolucionária foi tão grande que a doutrina passou a ser conhecida como *marxismo-leninismo*.

Quando da ascensão de Stalin, as preocupações soviéticas já não eram mais sobre "como" fazer a revolução. Esta já estava consolidada na União Soviética, restando aos seus dirigentes a ciclópica tarefa de transformar o país numa grande potência mundial. Por isto mesmo, sua contribuição à doutrina, bem como dos dirigentes que o sucederam, prende-se mais a assuntos de política exterior ou de estratégia, o que abordaremos adiante.

Cumpre-nos agora mencionar as extensões e modificações doutrinárias, dentro do quadro revolucionário internacional, devidas a Mao Tse-tung e aos seus seguidores.

Mao Tse-tung, reconhecendo as peculiaridades da China e, por extensão, as dos demais países de estágio de desenvolvimento semelhante, bem como as modificações verificadas no panorama trabalhista industrial, deslocou a ênfase revolucionária do proletariado urbano para o rural. E mais ainda, metodizou e valorizou a guerra de guerrilha, transformando-a num extraordinário instrumento da ação comunista. Para os "maoístas" todos os "reacionários" são "tigres de papel"; sua aparência é terrível mas, levando-se em conta o fator tempo, não são os "reacionários" e sim o povo quem realmente é poderoso. Nesta concepção entra muito da proverbial paciência oriental, aliada à lei marxista da inexorabilidade da luta de classes que terminará com a vitória do proletariado. Acreditam, com fé religiosa, que a chamada "guerra popular", não obstante seus altos e baixos e o tempo de sua duração, há de conduzir ao triunfo inevitável do comunismo.

Mao assinala a necessidade de se desprezar o inimigo estrategicamente e de levá-lo bem a sério taticamente. Sem a coragem de

desprezar o inimigo e sem a ousadia de vencê-lo, será impossível fazer a revolução e, menos ainda, conseguir-se a vitória.

A teoria de Mao do cerco das cidades partindo-se do campo tem sido extrapolada para orientar a estratégia mundial do envolvimento dos países desenvolvidos pelos subdesenvolvidos. Daí a importância que os marxistas emprestam a toda luta revolucionária nos países da Ásia, da África e da América Latina, cujas condições internas têm alguma analogia com as da China quando de sua própria revolução. Não importa que essas lutas internas nos países subdesenvolvidos tenham, no seu início, o caráter predominantemente democrático; de qualquer forma, constituir-se-ão sempre na preparação necessária para a revolução socialista.

Atentos à necessidade de se ter um inimigo mundial perfeitamente caracterizado, os "maoístas" fixaram-se no que chamam de "imperialismo americano", que seria o mais virulento agressor da história da humanidade. O principal campo de batalha da luta feroz entre os povos do mundo, de um lado, e o "imperialismo americano e seus lacaios", de outro, é a enorme área subdesenvolvida na Ásia, na África e na América Latina.

Finalmente, desejamos dizer alguma coisa sobre as idéias preconizadas pela Revolução cubana para a tomada do poder na América Latina. Essas idéias são principalmente devidas a Fidel Castro e "Che" Guevara e foram reunidas no livro "Revolução na Revolução" de Régis Debray. Segundo os cubanos, a classe operária na América Latina é fraca e os camponeses não têm consciência revolucionária. Mas sua idéia mais original diz respeito aos partidos comunistas. Segundo os cubanos, os PC latino-americanos esclerosaram-se, perdendo a sensibilidade para aquilatar a realidade concreta de seus respectivos países. Cristalizados numa ortodoxia rígida, perderam a necessária flexibilidade para acompanhar as peculiaridades locais. Julgam os cubanos que, no momento, os grupos sociais com maior ardor revolucionário na América Latina são os estudantes e intelectuais de diferentes correntes esquerdistas.

#### 4. INSTRUMENTOS DA AÇÃO COMUNISTA

##### 4.1. Os Partidos Comunistas

Os partidos comunistas têm sido, tradicionalmente, os principais instrumentos de aplicação da doutrina. É através deles que a ação comunista chega praticamente a todos os países do globo.

A importância dos PC como meios de expansão do comunismo é sobejamente conhecida, dispensando quaisquer outros comentários. Cumprindo a missão que lhes foi originalmente atribuída por Lenin de "vanguarda da revolução", seu papel no quadro do movimento revolucionário internacional não poderá jamais ser menosprezado.



Mas há um aspecto na recente evolução desse papel que convém ressaltar.

Até o conflito sino-soviético, cujo início podemos situar no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, realizado em Moscou em 1956, a atuação desses partidos obedeceu a um único foco diretor. A chamada "linha partidária" de cada PC nacional emanava, ou de um organismo a isto especificamente destinado (como o COMINTERN e o COMINFORM), (2) ou diretamente da cúpula do PCUS. Com a exceção da Iugoslávia de Tito, não havia contestação de vulto à liderança soviética.

A partir daquele evento, deu-se a ruptura do até então decantado "monolitismo comunista". Além das correntes tradicionais não leninistas, como a dos adeptos de Trotsky, (3) surgiram muitas outras.

Teses até então consideradas heréticas, como a dos "comunismos nacionais", passaram a ter curso e seguidores. Palmiro Togliatti, líder do PC italiano (o maior entre os dos países ocidentais), alcançou notoriedade mundial, com a sua teoria do "policentrismo".

Simultaneamente, a China de Mao lançava-se numa aberta disputa pela liderança do movimento comunista, inclusive contestando a pureza ideológica dos líderes soviéticos, tachados de "revisionistas".

(2) COMINTERN (Comunismo Internacional) — Designação pela qual é comumente conhecida a Terceira Associação Comunista Internacional, ou simplesmente Terceira Internacional.

A Primeira Internacional (Associação Internacional dos Homens de Trabalho) não era propriamente comunista. Fundada em 1864, congregava um pequeno número de marxistas, socialistas utópicos, anarquistas e membros de grêmios operários de várias nações. Devido à sua heterogeneidade, dissolveu-se em 1876.

A Segunda Internacional (Federação Socialista Internacional) foi fundada em 1889 e tinha uma organização débil: como federação, não tinha poder disciplinador sobre as agremiações filiadas. Teve curta duração.

A Terceira Internacional, organizada em 1919 por Lenine, foi a primeira de caráter exclusivamente comunista. Fortemente centralizada, visava a propagar a revolução mundial, sob a égide da União Soviética. Com a necessidade de atenuar as naturais desconfianças dos países ocidentais, quando da invasão da Rússia pelos alemães na 2.ª Guerra Mundial, foi dissolvida por Stalin em 22 de maio de 1943.

COMINFORM (Comitê Comunista de Informações) — Terminada a 2.ª Guerra Mundial com a derrota do nazi-fascismo, desapareceu a necessidade premente de ganhar a simpatia do mundo ocidental. Com o acirramento das divergências de pós-guerra entre a União Soviética e as nações democráticas e o incremento da Guerra Fria, voltou a Rússia a desenvolver sua política de expansão. Em setembro de 1947, representantes de nove partidos comunistas (URSS, França, Itália, Polónia, Iugoslávia, Bulgária, Roménia, Hungria e Tcheco-Eslóvquia), reunidos na Polónia e sob a influência russa, organizaram o COMINFORM, que veio a substituir o COMINTERN.

(3) TROTSKY (Leão Davidovitch) — Revolucionário russo (1877-1940). De origem judaica, tomou parte na revolução socialista, sendo condenado ao exílio em 1905. Em 1917, passou-se para o partido bolchevista e tornou-se o melhor colaborador de Lenine, assumindo a pasta dos Negócios do Exterior. Exerceu, de 1918 até 1925, as funções de Comissário da Guerra, cargo em que organizou o Exército Vermelho e subjogou os russos brancos durante a Guerra Civil. Expurgado por Stalin depois que este assumiu o poder, foi expulso do Comitê Executivo da Internacional Comunista em 1927. Refugiou-se inicialmente na Turquia, trasladando-se depois para o México onde foi perdidamente assassinado pelos partidários de Stalin.

Até mesmo a pequena Cuba de Fidel Castro animava-se a introduzir conceitos novos na doutrina, com base na sua própria experiência revolucionária, ao ponto de diminuir a importância do PC ortodoxo para a tomada do poder neste continente.

"Maoísmo", "titoísmo", "fidélismo" e outros "ismos" passaram a revelar esse fenômeno extraordinário da fragmentação de uma doutrina que, por seus fundamentos ideológicos globais e abrangentes, julgava-se imune a tal fenômeno.

E este fenômeno ainda está em processo de desenvolvimento. A chamada "liberalização" da Tcheco-Eslováquia, conduzida por líderes do PC local, está nessa linha de contestação de uma liderança única para o comunismo mundial. E o que ocorreu na Tcheco-Eslováquia, ocorre também nos demais países da Europa Oriental, particularmente na Polônia, na Hungria e na Romênia, para não falar na Albânia.

Muito se tem especulado sobre as conseqüências desse fenômeno para o Mundo Livre. Alguns pretendem que o perigo representado pelo movimento comunista internacional diminuiu em virtude dessa múltipla polarização. Do ponto de vista do perigo comunista soviético, isso pode ser verdadeiro. Mas há que considerar que, seguindo a linha de Moscou, de Pequim, de Havana ou qualquer outra, os comunistas buscam, embora por processos diferentes, um só objetivo: o de destruir o sistema de vida democrático do mundo ocidental. E é através de organizações partidárias comunistas que dirigem a perseguição desse objetivo.

#### 4.2. Política Exterior Comunista

A política exterior é um dos instrumentos de ação do comunismo internacional. Seu propósito, porém, não é unicamente o da divulgação da doutrina, mas também o da ampliação da área de influência de cada país do bloco comunista, particularmente daqueles que, por suas condições próprias, têm melhores oportunidades de exercer o natural imperialismo contido na doutrina marxista.

Por esta razão iremos abordar, em largos traços, a política exterior soviética, a chinesa e a cubana, esta última por nos afetar mais de perto.

##### 4.2.1. Política Exterior Soviética

Para o observador superficial, a Política Exterior Soviética poderá parecer sinuosa e, até mesmo, contraditória. Com efeito, as mudanças aparentes de atitudes e de procedimentos, no campo das relações internacionais, têm sido tantas e de tal amplitude, que dão aquela impressão.

Porém, se relacionadas com a observação de Stalin de que "as palavras não devem ter relação com as ações" e que "a diplomacia sincera é tão impossível como a água seca e o ferro de madeira", e mais ainda, com o sempre afirmado "objetivo final" de bolchevização do mundo, verificaremos que guarda uma profunda coerência, por mais que variem os meios e as formas.

Nesses 50 anos de domínio bolchevista na Rússia, podemos distinguir cinco tons básicos na melodia do Kremlin, algumas vezes tocados separadamente, outras em dissonantes acordes e, em algumas ocasiões, todos juntos, numa singular orquestração. Qualquer que seja, porém, a partitura ou o regente, o efeito final visado é sempre o de afirmar o poder bolchevista.

Esses tons podem ser expressos pelas seguintes teses:

- 1º) O Comunismo Mundial;
- 2º) A Coexistência Pacífica;
- 3º) O Incremento às Guerras de Libertação Nacional;
- 4º) A Ameaça da Força;
- 5º) A Segurança Nacional.

*O Comunismo Mundial:* A tese do Comunismo Mundial baseia-se na teoria marxista da internacionalidade da luta de classes e da revolução proletária.

Para tornar efetiva essa tese, havia necessidade de estender a revolução bolchevista a todos os países do mundo. O caminho para atingir esse fim foi apontado por Lenine, quando demonstrou a possibilidade de abreviar o processo revolucionário pela utilização de um partido adequadamente organizado. Desde então, uma das componentes básicas da política exterior soviética tem sido a de fomentar a revolução dos demais países, através da ação dos PC locais, controlada de Moscou. A Intentona Comunista de 1935 no nosso País foi um dos frutos dessa política.

*A Coexistência Pacífica:* Quem primeiro levantou esta tese foi Lenine. Premido pela necessidade de consolidar o regime bolchevista recentemente implantado na Rússia, ameaçado internamente pela contra-revolução branca e externamente pela intervenção de nações européias e asiáticas, Lenine apelava, em artigo intitulado "Estranho e Monstruoso", publicado em 1918, para uma forma de coexistência pacífica com os países vizinhos, sem a qual o Estado soviético não sobreviveria.

Mais tarde, Stalin viria a sentir necessidade idêntica. Precisando concentrar esforços para promover o desenvolvimento econômico russo, lançou a política conhecida como "socialismo num mundo só", com a qual pretendeu tranquilizar as demais nações do globo quanto aos propósitos expansionistas do comunismo soviético.

Com o surgimento das armas nucleares e a conseqüente impossibilidade de um confronto direto entre os blocos comunista e democrático, no qual ambos só teriam que perder, Kruschev de novo lançou mão do tema da "Coexistência Pacífica", inserindo-o no contexto da guerra fria. Ficava, desta maneira, desembaraçado para perseguir seu objetivo de destruição do Mundo Livre por formas indiretas de ação, acobertado perante a opinião pública mundial com uma capa de "paladino da paz".

*Incremento às Guerras de Libertação Nacional:* É uma estratégia de política exterior que se conjuga com a do "Comunismo Mundial" e a da "Coexistência Pacífica". Consiste, fundamentalmente, em identificar a revolução russa com a crescente onda de nacionalismo e anticolonialismo que se verifica no mundo. Incrementando e apoiando revoluções nos países de origem colonial da Ásia, da África e do Oriente Médio, a União Soviética adota uma atitude de campeã do nacionalismo, desse mesmo nacionalismo tão condenado pela doutrina marxista. Mas isso não importa; o que vale é que se trata de uma estratégia de aproximação indireta altamente rentável e econômica.

*A Ameaça da Fôrça:* Esta estratégia ficaria mais apropriadamente designada por "O uso da Fôrça". Com efeito, o uso da fôrça, mais do que a ameaça de fazê-lo, tem sido um ingrediente essencial na fórmula russa da revolução mundial.

Desde a criação, em fevereiro de 1918, do Exército Vermelho (4) (mais tarde denominado de Exército Soviético) que o Poder Militar serve de apoio assaz convincente à política exterior do Kremlin. Em 1921 invadiu a Mongólia exterior, transformada em 1924, em República Popular sob a égide da União Soviética. Em 1929 repetiu a façanha com a Manchúria, revivendo o expansionismo asiático dos czares. Ambos estes fatos constituem raízes profundas do conflito sino-soviético.

Em 1939, Stalin concertou com Hitler o pacto nazi-soviético de não agressão e, de mãos dadas com esse seu arqui-inimigo, invadiu e repartiu com ele a Polónia, a despeito do tratado soviético-polonês de não agressão. Ainda em 1939, em novembro, a União Soviética atacou a Finlândia e apoderou-se de territórios estratégicos desse país, embora o tratado de não agressão soviético-finlandês de 1932 estivesse em vigor. Em 1940 chegou a vez dos países bálticos (Estónia, Letónia e Lituânia), anexados à União Soviética como Repúblicas Socialistas, e da Romênia, que teve parte de seu território abocanhado pelo "urso" vermelho.

---

(4) EXÉRCITO VERMELHO: — Em 1918, o governo soviético sentiu-se suficientemente forte para decretar o alistamento compulsório de operários e camponeses. Este foi o começo da organização do Exército Vermelho, o qual chegou a contar com mais de 5 mil homens quando terminou a Guerra Civil, em 1921. Muito contribuíram para o desenvolvimento do Exército Vermelho, nos estágios iniciais de sua evolução, o então Comissário da Guerra Trotsky e o Gen Tukhachevsky, um ex-Capitão de Estado-Maior no Exército do Czar.

Foi, porém, depois da 2ª Guerra Mundial que o Exército Soviético deu sua mais decisiva contribuição à política exterior de Moscou. Agindo como instrumento da tese denominada de "Segurança Nacional", a qual consistia em criar um cinturão de Estados tampões entre a Rússia e os países europeus, o Exército Soviético foi fator preponderante no apoio às maquinações políticas que lograram transformar tôdas as nações da Europa Oriental, por êle ocupadas, em países comunistas.

Mas não termina aqui a lista de exemplos do emprêgo da força como argumento de política exterior. Em 1956 o mundo presenciou o cruel emprêgo dos tanques soviéticos para esmagar a revolta popular húngara contra a ditadura comunista. Era o "soi disant" "Estado socialista de operários e camponeses" dizimando os operários de um outro país "irmão", tudo dentro da mais "sólida amizade socialista"...

A revolta húngara, porém, não era um fenômeno isolado, era a manifestação de um estado de ânimo que, com maior ou menor intensidade, verifica-se em todos os países da Europa Oriental. O problema da intervenção na Tcheco-Eslováquia em 1969 foi a continuação desse fenômeno.

O processo de liberalização tcheco é simplesmente intolerável para o Kremlin, justamente por ser uma aspiração comum aos demais países da Europa Oriental. Os dirigentes russos tinham podido tolerar o nacionalismo iugoslavo e a insubmissão albanesa, na medida em que foram fenômenos locais; mas um regime que preconize a distinção entre o Estado e o Partido Comunista, que admita oposição politicamente organizada, que elimine a censura, que reconheça efetivamente a liberdade de reunião e de imprensa, que pratique uma economia aberta, uma vez instaurado em qualquer país da Europa Oriental, significará o fim do domínio soviético em todos êles. Daí o episódio da invasão da Tcheco-Eslováquia quando novamente as tropas russas, agora misturadas com as de outros países do Pacto de Varsóvia para dar uma conotação de ação internacional, foram "socorrer" os operários, estudantes e camponeses tchecos dos terríveis perigos da liberdade...

*A Segurança Nacional:* A formulação desta política decorre da concepção leninista de que todos os países não comunistas são inimigos da União Soviética. Para fazer face a essa suposta ameaça, Moscou tem procurado estabelecer e manter regimes comunistas amigos na periferia da Federação e buscado incentivar e apoiar dissensões no Mundo Livre, visando dividi-lo e enfraquecê-lo. Estão dentro desta política, também, os esforços da União Soviética de isolar os Estados Unidos (reconhecidamente seu adversário potencial mais poderoso) de seus aliados.

#### 4.2.2. Política Exterior Chinesa

A China ainda está na fase de construção interna de seu próprio modelo socialista. Empenhada na tarefa de queimar etapas no processo de desenvolvimento económico, ainda não se voltou inteiramente para o mundo exterior. Todavia, pelos diligentes esforços que, não obstante, vem realizando no campo da política externa, podemos avaliar o que fará quando atingir a plenitude de seu desenvolvimento.

No momento, podemos distinguir dois objetivos capitais na política exterior chinesa:

1.º) Contestar a liderança absoluta soviética no movimento comunista internacional;

2.º) Alargar sua área de influência, particularmente nas chamadas "Zonas rurais do mundo".

Quanto ao segundo objetivo citado, convém que façamos um rápido comentário do que os chineses chamam de "Zonas rurais do mundo". Para eles, essas zonas se estendem num amplo arco, pelo Sudeste da Ásia, África e América Latina, envolvendo as zonas urbanas do Hemisfério Norte, particularmente os Estados Unidos e a Europa Ocidental.

No desenvolvimento de sua política externa, a China tem adotado as seguintes estratégias:

1ª) de condenar a orientação soviética do processo revolucionário, tachando-a de "revisionista";

2ª) de incentivar e apoiar os movimentos revolucionários nas áreas subdesenvolvidas do mundo;

3ª) de apontar a superioridade da luta armada sobre a luta política;

4ª) de identificar o "imperialismo", notadamente o norte-americano, como o mais virulento inimigo dos povos do mundo;

5ª) a de menosprezar o valor das armas nucleares como instrumento de luta popular, a qual terá de ser vencida numa luta continuada e aproximada nos campos de batalha dos países subdesenvolvidos e na consciência de todos os homens.

#### 4.2.3. Política Exterior Cubana

A política exterior cubana tem como propósito imediato garantir uma posição de liderança para Cuba no seio do movimento revolucionário latino-americano. Somente a estreita dependência do país em relação à União Soviética tem obrigado os dirigentes cubanos a alguns recuos nessa política.

Para os cubanos, a tomada do poder na América Latina só será possível através do emprêgo da luta armada, em particular da guerra

de guerrilha. É à guerrilha, e não ao PC ortodoxo, que caberá a tarefa de vanguarda da revolução latino-americana. O exército popular que dela resultará será o núcleo do partido, e não o inverso.

Coerente com essas idéias, Fidel Castro tem procurado converter sua pequena ilha em foco irradiador da revolução para a América Latina. E não somente irradiador de idéias, como também de homens, dinheiro e material. O episódio da guerrilha de "Che" Guevara na Bolívia é prova bastante convincente desta afirmativa.

A política exterior de Castro tem sido embaraçada pelo isolamento a que Cuba foi submetida por decisão da OEA (Organização dos Estados Americanos). Não tendo relações diplomáticas e nem comerciais com os demais países do Continente, sua política exterior não se exerce por vias diplomáticas, mas sim por intermédio do patrocínio de congressos, conferências e de organizações internacionais destinados à preparação da consciência revolucionária de grupos sociais escolhidos. Estão neste caso, por exemplo, a OCLAE (Organização Continental Latino-Americana de Estudantes) com sede em Havana, e a conferência da OLAS (Organização Latino-Americana de Solidariedade), realizada em Cuba no período de 31 de julho a 10 de agosto de 1967. Nesta conferência, "Che" Guevara teve papel saliente, conseguindo fazer aprovar muitas das suas teses, como se pode sentir da transcrição dos seguintes trechos da proclamação final da conferência:

#### PROCLAMAÇÃO (INSTITUIÇÃO DA OLAS)

.....  
 Quinto. Que a luta revolucionária armada constitui a linha fundamental da revolução na América Latina .....

Sexto. Que todas as demais formas de luta devem reunir e não impedir o desenvolvimento da linha fundamental, que é a luta armada .....

Décimo. Que a guerrilha, como embrião dos Exércitos de Libertação, constitui o método mais eficaz para iniciar e desenvolver a luta revolucionária na maioria de nossos países.

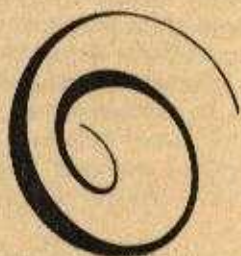
Décimo-primeiro. Que a direção da revolução exige, como um princípio organizador, a existência de um comando unificado político-militar como garantia para o seu êxito.....

#### 5. CONCLUSÃO

Pretendemos ter evidenciado o caráter global e dinâmico da Ação Comunista. Para os seus seguidores, o objetivo último visado é o completo domínio do mundo, o qual buscam com fanatismo religioso.

De nossa parte, estamos certos de que jamais conseguirão atingir aquele designio. Nossa convicção se baseia, não apenas na certeza de que a Opressão não pode prevalecer sobre a Liberdade, a Matéria sobre o Espírito e a Mentira sobre a Verdade, mas também em perspectivas concretas do panorama mundial, tanto do Mundo Livre, como do Bloco Comunista.

É com esta convicção e com a decidida vontade de torná-la realidade no mais curto prazo possível, que devemos todos caminhar, nós, os filhos privilegiados de um país livre.



*Defesa Nacional é tudo para a Nação: é o lar e a Pátria, a organização e a ordem da família e da sociedade, todo o trabalho, a lavoura, a indústria, o comércio, a moral doméstica e a moral política, todo o mecanismo das leis e da administração, a economia, a justiça, a instrução, a escola, a oficina, o quartel, a paz e a guerra, a história e a política, a poesia, a filosofia, a ciência e a arte, o passado, o presente e o futuro da nacionalidade.*

(OLAVO BILAC)